

NÓS VEMOS BICHOS TODOS OS DIAS: Construindo um olhar decolonial a partir de reflexões no âmbito sociocultural

Larissa da Silva Barbante¹

ICHCA - UFAL

larissa.barbante@fale.ufal.br

Roosivelt Gabriel Macario Neves²

ICHCA - UFAL

roosivelt.neves@ichca.ufal.br

Matilde Wrublevski³

ICHCA - UFAL

matildewrublevski@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A partir de discussões sobre decolonialidade como tema de relevância no ensinar e fazer artístico, decidimos nos reunir a partir da disciplina regular de História do Teatro do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), para desenvolver debates e pesquisas coletivas e individuais. Essa reunião vem acompanhada de uma provocação, feita pela professora orientadora, ao expor a necessidade de expansão nos estudos sobre os recortes históricos correntes ao tratarmos não apenas do teatro, mas da grande área das artes.

Nesse contexto foi destacado ainda uma intencionalidade de pensar sobre a produção artística alagoana, visando suas especificidades ao olhar para as relações traçadas com o teatro amador, a cultura popular e as festividades do Estado. Esse delineamento de estudos surgiu ao nos depararmos com a necessidade de uma produção de pesquisa voltada para o cenário teatral alagoano, em que são tratadas questões singulares sobre a arte de Alagoas. Como parte desse projeto que se inicia, visamos principalmente a construção de um material com reflexões, debates, ensaios e artigos que fique disponível para os estudantes, docentes e pesquisadores, em contribuição para uma produção de conhecimento comprometida com a expansão das perspectivas históricas e artísticas.

¹ Graduada em Letras - Inglês e graduanda em Teatro - Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas.

² Graduando em Teatro - Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas.

³ Professora Doutora do curso de Teatro na Universidade Federal de Alagoas.



Durante nossas pesquisas, elencamos alguns eixos teóricos relevantes para construir um caminho epistêmico, como: revisão do termo cultura, festividades e lendas alagoanas, bem como a noção teórica de cultura popular. Contudo, antes de prosseguirmos para um estudo específico, consideramos necessário traçar um caminho metodológico que estruturasse um olhar decolonial, problematizando narrativas universalizantes consolidadas no campo da pesquisa.

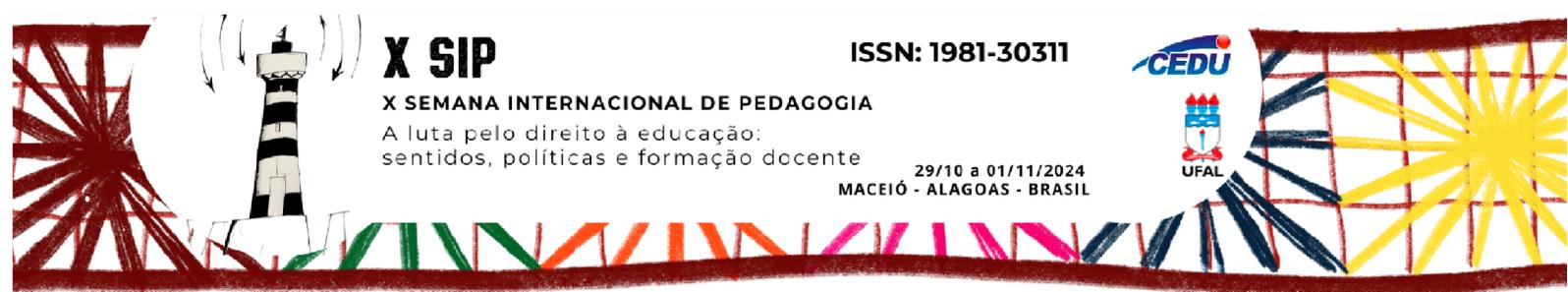
Pois, ao compreender que parte do processo de formação de um olhar pesquisador abrange a identificação da produção de conhecimento, tida como universal, em um lugar de privilégio epistêmico etnocentrado, podemos expandir e aprofundar nossos futuros estudos e análises. Assim, o propósito dessa pesquisa inicial é o registro das reflexões coletivas que surgiram a partir da relação entre o contexto de estudo na área das artes cênicas na UFAL com o arcabouço teórico voltado à elaboração de perspectivas decoloniais.

2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo registrar as reflexões coletivas dos estudantes de Teatro sobre o ensino de arte e o fazer artístico alagoano através de um viés decolonial. Para que, a partir desse registro, contribuamos para os estudos e a formação cultural, artística e social não somente dos integrantes do curso de Teatro, mas também de pesquisadores da área e integrantes da comunidade, de modo geral. Incentivando, assim, o exercício da decolonialidade no cenário das Artes.

3 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho é de cunho bibliográfico no âmbito teórico, onde foram realizadas leituras sobre as temáticas. A partir disso, foram produzidas revisões de literatura dos textos selecionados, juntamente com debates e rodas de conversa semanal relacionando a realidade alagoana com as referências apresentadas. Essa

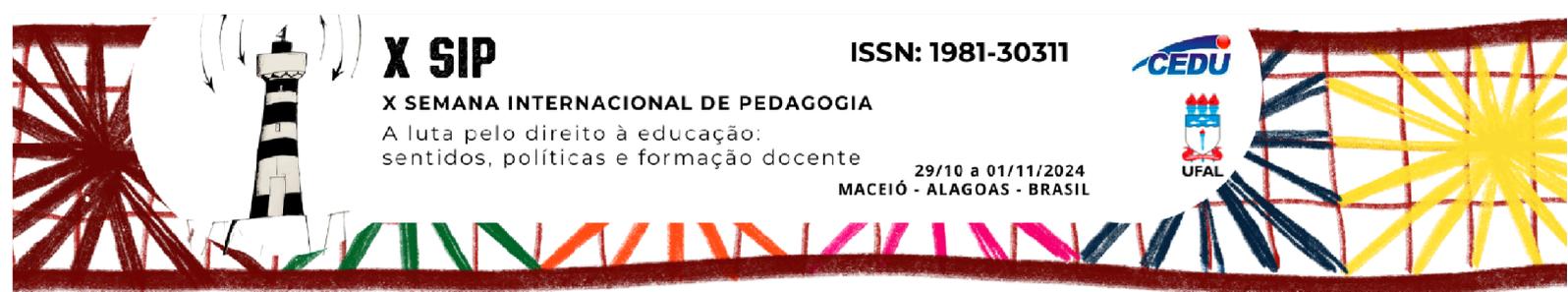


escolha trouxe um referencial composto por: Marilena Chauí (2009), em sua comunicação sobre a relação entre as constituições da noção de cultura com as conjunturas políticas brasileiras; Aníbal Quijano (2005) e Aimé Césaire (1978), ao localizar uma produção de conhecimento eurocentrada como perspectiva comum; Ailton Krenak (2022), com reflexões sobre o impacto da negação da diversidade de conhecimentos possíveis e María Lugones (2019), ao pontuar a personificação da figura do homem branco, burguês, cristão, cis e hetero como oposição para pensar a constituição de gênero como uma concepção colonizadora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões produzidas coletivamente abordaram principalmente uma inter-relação entre diferentes perspectivas decoloniais, de modo que, o processo de estudos fosse gradativamente desconstruindo noções concebidas como universais. Nos debates tivemos conceitos que, no exercício da problematização, foram tomados pelo caráter de complexidade e, até mesmo, de contradição. Termos como cultura, cultura popular, academicismo, identidade, povo e nação apareceram nesse processo desvelando suas construções sociais, históricas e políticas. Em cada novo encontro, os participantes eram convidados a destacar características consideradas fundamentais em cada referencial, bem como, eram encorajados a redigir uma escrita pessoal com reflexões possíveis. Dentro dessa proposta, elencamos aqui os resultados que sobressaíram ao longo dos encontros.

O conceito de colonialidade do poder proposto por Quijano (2005) localiza a missão etnocentrada de países europeus em articular uma série de concepções, as quais são denominadas de mitos fundacionais, de modo que, fosse edificado uma dominação em que o burguês europeu, branco, cristão, estivesse no centro de um controle do mercado mundial. Para pensar uma colonialidade do poder temos que dar atenção as reverberações implicadas pelo autor ao descrever a rede de articulação dessa dominação, pois ela traz a ideia de dualidade alastrada pelas formas de produzir conhecimento (incluindo os segmentos do racional científico), nas diferentes constituições de universo simbólico, nas linguagens, nos modos de



expressão da subjetividade, na percepção de sua trajetória histórica, entre outros âmbitos. Em outras palavras, a colonialidade do poder produz indivíduos tomados como primitivos, em que seu conhecimento se traduz como crenças, no sentido depreciativo ao lado oposto da razão científica, e atribui-lhes uma diferenciação enquanto raça, gerando uma identidade colonial negativa que “implicava o despojo do seu lugar na história da produção cultural da humanidade” (Quijano, 2005, p. 116).

O asselvajamento conforme colocado por Césaire (1978) acontece de ambos os lados, tratando não somente as vítimas desse projeto político como animais e números, mas também os colonizadores, que se desumanizam e se aproximam de sua natureza de monstro diante do processo de colonização. O poeta chama a atenção e usa o acontecimento do holocausto alemão e a legitimação da violência como metáfora indicando que temos o monstro dentro de si mesmo, principalmente o burguês “super progressista”. Ou seja, temos dentro de nós um monstro que legitimamos toda vez que concordamos com as violências inferidas em nossa sociedade.

Quando o debate do monstro chega para nós, vamos tirar outra reflexão, o colonizador não é monstro, o colonizador é bicho. Os olhos que nos olham do lado de fora dos nossos bairros e dizem que o que fazemos não tem legitimidade, esses mesmos olhos que sangram quando veem as cores, sejam das paredes ou das peles. Esses olhos selvagens que anulam a ciência dos corpos dos povos sobreviventes. Esses olhos não são de monstros, monstros são irreais, fantasiosos, esses olhos são de bicho, de bicho selvagem que nos devoram diariamente. Nós vemos bichos todos os dias.

María Lugones (2019), utiliza-se do conceito de colonialidade de poder para argumentar que a modernidade organiza o mundo em categorias homogêneas e separáveis. Lugones trata da imposição colonial dos gêneros, mas nos mostra uma compreensão complexa sobre a integração entre formas de estruturar o mundo, do entendimento das pessoas sobre si mesmas, sobre suas relações intersubjetivas, suas relações com o mundo espiritual, com a terra, com a matéria da sua concepção sobre a realidade, a identidade, organização social, ecológica e cosmológica.



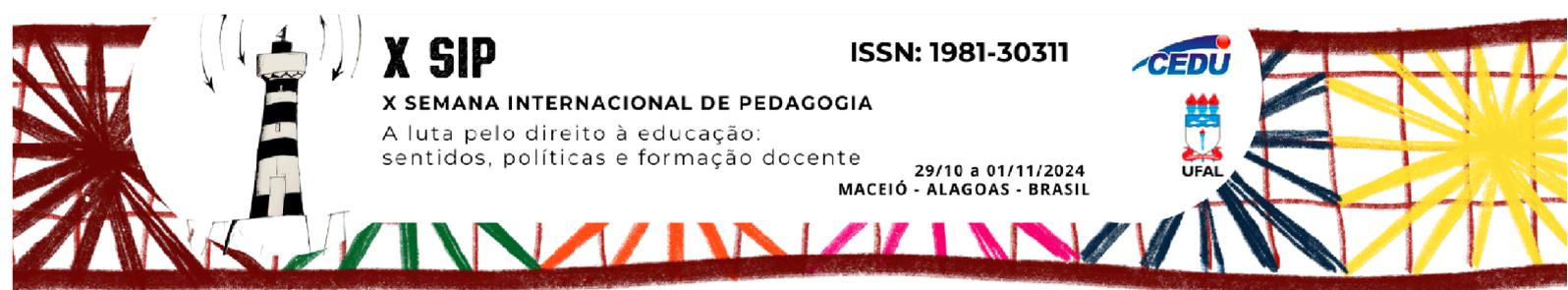
Ao longo das pesquisas sobre as constituições do pensamento colonizador, pelos olhares de Césaire, Quijano e Lugones, podemos nos distanciar da ideia do colonizador como monstro por uma noção simplista de perversidade, mesmo que este aspecto esteja presente. O que observamos é uma estrutura de colonialidade do poder de uma sociedade capitalista, em que este poder está localizado predominantemente nas mãos do europeu branco, burguês e cristão, sendo mantido através de uma grossa rede que toca no colonizado e no olhar sobre si.

Sendo assim, a colonização serve para nos entregar dois papéis: o selvagem que precisa ser contido, eliminado, consertado e apagado. E o monstro: aquele que elimina, violenta, conserta e que, através de suas máscaras, ainda consegue ser bom aos olhos coloniais. O objetivo do pensamento decolonial passa, portanto, por revelar e valorizar saberes subalternizados, promovendo uma pluralidade epistêmica que reconheça a legitimidade e a riqueza das diversas formas de conhecimento e existência que foram historicamente silenciadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte, a história e a estética são campos interconectados que se influenciam mutuamente. Podemos ver essa relação na constituição de movimentos artísticos, na formação de valores e identidades, no pensamento crítico, na produção de conhecimento ou na produção de memória. Ao compreender essa ligação, vemos que a crítica ao processo colonizador se refere a toda uma forma de ordenamento e classificação do mundo, localizado por trás de um pressuposto universal europeu.

Destacamos a importância dos estudos e, também, do ensino decolonial para o fazer artístico em Maceió, um local regado de tradição e Cultura Popular. Esta que vem resistindo cada vez mais para que seja revitalizada e mantida diante dos desafios. Se partimos de uma ideia de que não há construção de paradigmas neutros, podemos fazer coros aos autores e autoras que pontuam a necessidade de localizar continuamente os traços desse processo colonial que se perpetua até hoje, pois, temos que observá-los e nomeá-los para poder problematizá-los e produzir linhas de fuga de uma suposta neutralidade.



Como exemplo de outras formas de produzir conhecimento temos o pensamento sobre confluência e pluralidade empregados tanto por Krenak (2022), quanto as reflexões sobre sociedade e comunidade propostas por Chauí (2009), nos possibilita voltar o olhar para Maceió, em seus comportamentos sociais e sua história. Para que, desse modo, possamos buscar e entender o motivo de, por um lado, haver necessidade de produção de pesquisas específicas e de existir um acervo ainda em construção, sendo que, por outro lado, temos uma cidade que é viva artisticamente em um sentido plural. Podemos pensar ainda que, talvez, Maceió seja uma sobrevivente diante das engrenagens sociais.

Vemos nesse contexto específico a desmistificação da ideia contemporânea de monstro para olhar como um projeto político sobre a manutenção de lugares de poder. Além disso, podemos apontar a construção de uma identidade ambígua, com marcas da colonização, que acabaram por produzir tradições alagoanas, como é o caso de folguedos e festividades religiosas.

Em nosso processo de pesquisa percebemos que pensar uma descolonização das mentes, das culturas e das sociedades contemporâneas, envolve não apenas uma revisão crítica das práticas acadêmicas e intelectuais, mas também a transformação das relações sociais, políticas e econômicas em busca de uma verdadeira emancipação.

REFERÊNCIAS

- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá Costa Editora, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. IN: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismos e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- KRENAK, Ailton. **O futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. IN: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.